



CELAM
CONSEJO EPISCOPAL
LATINOAMERICANO Y CARIBEÑO

São 10 anos de um Papa eleito para um pontificado novo

*Agenor Brighenti**

Resumo

O perfil do pontificado reformador do Papa Francisco já estava assinalado em sua alocução nas sessões da Congregação dos Cardeais, que precederam o conclave que o elegeu. E foi para isso que ele foi eleito, para fazer um pontificado novo, capaz de impulsionar reformas urgentes, muitas delas pendentes da renovação do Vaticano II, freada nas últimas décadas, por diversas razões, em especial, pelo medo de avançar. Logo no início de seu pontificado, com gestos e palavras, o novo Papa foi explicitando o teor de seu pontificado, em especial na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Neste documento programático e já em sua primeira visita apostólica ao Brasil por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, o Papa explicita o perfil da Igreja que ele está impulsionando nestes dez anos de pontificado, de maneira segura, persistente e sinodal, apesar das resistências, às quais reage com amabilidade e resiliência.

Palavras-chave: Papa Francisco. Igreja. Reforma. Povo de Deus. Sinodalidade.

* Presbítero da Diocese de Tubarão, SC, Brasil. Doutor em Teologia pela Universidade de Lovaina, Bélgica. Membro da Equipe de Reflexão Teológico-pastoral do CELAM e da Equipe Teológica do Sínodo dos Bispos.

It's 10 years of a pope elected for a new pontificate

Summary

The profile of the reforming pontificate of Pope Francis was already signaled in his address to the sessions of the Congregation of Cardinals that preceded the conclave that elected him. And that is what he was elected for, to make a new pontificate, able to push forward urgent reforms, many of them pending from the renewal of Vatican II, halted in recent decades, for various reasons, in particular the fear of moving forward. Right at the beginning of his pontificate, with words and gestures, the new Pope has been making explicit the content of his pontificate, especially in the Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*. In this programmatic document and already in his first apostolic visit to Brazil on the occasion of the World Youth Day, the Pope explains the profile of the Church he is promoting in these ten years of pontificate, in a secure, persistent and synodal way, despite the resistance, to which he reacts with kindness and resilience.

Keywords: Pope Francis. Church. Reformation. People of God. Synodality.



CELAM
CONFERÊNCIA
LATINO-AMERICANA

Nestes dez anos de um pontificado reformador, chama a atenção a clareza das proposições do Papa Francisco, levadas à prática com muita amabilidade e, ao mesmo tempo, com determinação e firmeza. Com muita coragem retomou o processo de renovação do Vaticano II, com a marca de um Papa fruto maduro da Igreja na América Latina e Caribe, que recebeu o Concílio a partir da opção pelos pobres, a Igreja sonhada por João XXIII. Na encruzilhada da crise gerada pela renúncia de Bento XVI, a alocução do então Card. Bergoglio em uma das sessões da Congregação dos Cardeais que precederam o conclave que o elegeu, brilhou como uma luz orientadora para a saída do impasse. Uma vez eleito, desde a primeira-hora, gestos, palavras, documentos e eventos transcendentais foram implementados: um programa de reformas ousado, começando pela Cúria romana, passando pelo perfil do Sínodo dos Bispos, a superação do clericalismo por uma Igreja sinodal, a desconstrução do perfil imperial do Papado, a ecologia como uma dimensão da ação evangelizadora, o lugar das mulheres na Igreja, entre outras tantas iniciativas represadas por décadas de involução eclesial em relação à renovação do Vaticano II.

O Vaticano II foi um Concílio sobre a Igreja. O pontificado de Francisco tem a mesma marca. O Concílio abordou a Igreja em relação ao mundo, aos batizados, aos ministérios, à centralidade da Palavra, às demais Igrejas e religiões, à vida consagrada, à liturgia, ao desenvolvimento social, à relação entre as Igrejas Locais e o Primado, entre outros. O Papa Francisco também, com a novidade de fazer uma recepção do Concílio no novo contexto em que vivemos. O Papa, apesar de ventos contrários, não se abala, vai à



frente, conclamando a mudanças e motivando a todos. As respostas nem sempre acompanham a urgência do tempo e o compasso de um Papa eleito para um pontificado novo.

1. CARDEAL BERGOGLIO, UMA LUZ NA ENCRUZILHADA

Os motivos explicitados da inesperada renúncia do Papa Bento XVI, não desqualificam outros tantos implícitos, num gesto que revelava a consciência de uma profunda crise institucional na Igreja católica. Ela não era novidade, pois vinha de longe, sem que tivesse havido a devida coragem e audácia de assumi-la, a partir de suas causas, dada sua complexidade. Na realidade, em grande medida os fatores internos se inserem em uma crise mais ampla, uma crise de sociedade, ainda mais complexa e profunda que a crise da Igreja, obrigando-a situar a instituição no seio do Povo de Deus, que peregrina no mundo com uma humanidade toda ela peregrinante¹.

Por ocasião de sua eleição, o novo Papa, inovador até no nome escolhido - Francisco, antes de dar a bênção *urbi et orbi*, inclinou-se diante do Povo aglomerado na Praça de São Pedro e pediu que este primeiro implorasse as bênçãos de Deus sobre o Bispo de Roma. De modo contundente, assinalava o caminho para a Igreja sair da crise: não há saída para a crise da Igreja se a instituição eclesial continuar centrada sobre si mesma, à margem do Povo de Deus como um todo e, sobretudo, da crise da sociedade. No âmbito institucional, o Primado Romano precisava estar melhor situado no seio da Colegialidade Episcopal e, esta, exercida no interior da sinodalidade eclesial; no âmbito social, só uma Igreja-mãe, samaritana (Paulo VI), uma Igreja pobre e dos pobres (João XXIII), poderia levar os cristãos a se sentirem companheiros de caminho de toda a humanidade e torna-la apta a discernir e acolher os novos sinais dos tempos.

¹ Cf. BRIGHENTI, A. Uma instituição em crise em uma sociedade em crise. In: PASSOS, J. D.-SOARES, A. M. L. (Org.). Francisco. Renasce a esperança. 1a. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 2013, v. 1, p. 28-45.

Em tempos de crise, sempre que não nos deixamos pautar pelo risco da fé, na liberdade do Espírito que sopra onde, quando e sobre quem Ele quer, cresce a tentação do entrincheiramento identitário e de fazer do passado um refúgio. Uma crise, por mais aguda e profunda que possa ser, jamais nos condena a repetir um passado, num presente que o tornou obsoleto, nem a resignarmos ao momentaneísmo ou ao pragmatismo do cotidiano.

A renúncia de Bento XVI

Neste contexto, a notícia da renúncia de Bento XVI foi desconcertante. Certamente, ninguém mais do que ele, na solidão de um cargo solitário, fez a experiência de carregar nos ombros uma instituição que precisava passar por um choque, sobretudo, de gestão. Do alto de seus 87 anos, sentiu-se incapaz deste imenso desafio. Alguma coisa teria que ser feita por outro Papa, que personalizasse as aspirações contidas internamente e os novos valores irrompidos externamente. Era o momento de voltar a “abrir portas e janelas” para que a Igreja pudesse retomar o compasso da história e fazer um novo *aggiornamento* com os novos sinais dos tempos, suscitados pelo Espírito no seio de uma sociedade em profundas transformações.

Por um lado, conseqüente com a inerente fragilidade humana do ministro de todo e qualquer ofício eclesiástico, o gesto desmistificou a figura do papado e sinalizou o imperativo de outro perfil do primado – essencialmente, como bispo de Roma, com o múnus de ser um *primus inter pares*, mais pastoral do que jurídico, no seio do Colégio Apostólico, que está à frente das Igrejas Locais. Por outro lado, o fato expôs à luz do dia fragilidades da Cúria Romana, envolta em lutas de poder.

Também para Bento XVI, havia chegado a hora urgente e ingente de mudanças, talvez não tantas e tão profundas como vêm sendo implementadas pelo novo Papa: mudança de ótica e de rumos; reformas institucionais, a começar pela Cúria Romana; “conversão pastoral” da Igreja como um todo, retomando a renovação do Vaticano II, na perspectiva de sua “recepção criativa”



pela Igreja na América Latina; enfim, outro perfil de clero para superar o clericalismo, sobretudo de papa e de bispos.

O contundente pronunciamento do Cardeal Bergoglio

Tal clamor se fez ouvir, já nas sessões de trabalho da Congregação dos Cardeais, que antecederam o conclave da eleição do novo Papa. E não por acaso elegeu-se o então Cardeal Bergoglio, quem catalisou estas aspirações, num contundente pronunciamento. Profeticamente, ele apontava para a miséria de uma Igreja fechada sobre si mesma, “auto-referencial”, e a necessidade de “sair para as ruas”, da Igreja “sair de si mesma e ir para as periferias”, não só geográficas como existenciais. Para ele, citando H. de Lubac, as crises “que, ao longo do tempo, se dão nas instituições eclesiais têm raiz na auto-referencialidade”, uma espécie de narcisismo eclesial. E continua: “sem dar-se conta, a instituição crê que tem luz própria” e passa “a viver para dar glória uns dos outros”. Acenava também para o perfil do novo Papa: “um homem que, desde a contemplação de Jesus Cristo e desde a adoração de Jesus Cristo, ajude a Igreja a sair de si em direção às periferias existenciais; que ajude a Igreja ser mãe fecunda, que vive a doce e confortadora alegria de evangelizar”.

O teor de sua alocução nos chegou através do Cardeal Jaime Ortega, de Cuba, a quem o futuro Papa lhe passou o texto de seu próprio punho e letra. O texto, com o título – *a doce e confortadora alegria de evangelizar* – contém quatro pontos²:

1. Evangelizar supõe zelo apostólico. Evangelizar supõe na Igreja a *parresia* de sair de si mesma. A Igreja está chamada a sair de si mesma e ir para as periferias, não só as geográficas, mas também as periferias existenciais: as periferias do mistério do pecado, da dor, da injustiça, da ignorância e prescindência religiosa, do pensamento, de toda miséria.
2. Quando a Igreja não sai de si mesma para evangelizar se torna auto-referencial e então adoce (cfr. A mulher

² Cf. BRIGHENTI, A. Uma instituição em crise em uma sociedade em crise..., p. 32.

encurvada sobre si mesma do Evangelho). Os males que, ao longo do tempo, se dão nas instituições eclesiais têm raiz na auto-referencialidade, uma espécie de narcisismo teológico. No Apocalipse, Jesus diz que está à porta e chama. Evidentemente, no texto, Ele bate do lado de fora da porta, para entrar... Porém, penso nas vezes em que Jesus toca na porta desde dentro para que o deixemos sair. A Igreja auto-referencial prende Jesus dentro de si e não o deixa sair.

3. A Igreja, quando é auto-referencial, sem dar-se conta, crê que tem luz própria; deixa de ser o *mysterium lunae* e se dá lugar a este mal tão grave que é a mundaneidade espiritual (segundo De Lubac, o pior mal que pode a Igreja sofrer). Esse viver para dar glória uns dos outros. Simplificando, há duas imagens de Igreja: a Igreja evangelizadora, que sai de si – a *Dei Verbum religiose audiens et fidenter proclamans* – ou a Igreja mundana que vive em si, de si, para si. Isso pode dar luz às possíveis mudanças e reformas que é preciso fazer para a salvação das pessoas.

4. Pensando no próximo Papa: um homem que, desde a contemplação de Jesus Cristo e desde a adoração de Jesus Cristo ajude a Igreja a sair de si em direção às periferias existenciais; que a ajude a ser mãe fecunda, que vive a doce e confortadora alegria de evangelizar.

Estas intuições básicas configuram os eixos fundamentais do perfil da Igreja que o Papa Francisco sonha. Estão sobretudo plasmadas em seu primeiro documento, um texto programático de seu pontificado – a *Evangelii Gaudium*. Esta Exortação Apostólica tem muito do Documento de Aparecida, mas se remete também ao espírito da *Evangelii Nuntiandi* e da própria *Gaudium et Spes*. O primeiro abriu a Igreja para o mundo, numa postura de diálogo e serviço; o segundo enviou a Igreja a uma sociedade emancipada da tutela eclesial, para testemunhar e anunciar a Boa Nova na gratuidade, numa relação propositiva, de interlocutores³.

³ Estas conexões estão explicitadas em: BRIGHENTI, A. *Os ventos sopram do Sul. O Papa Francisco e a nova conjuntura eclesial*. São Paulo: Paulinas, 2019.



O perfil da Igreja que o Papa Francisco sonha vem sendo exercitado com todo o Povo de Deus através do Sínodo sobre a sinodalidade, pois de todos dependem as profundas mudanças que se impõem no momento presente. Por isso, mais do que tomar decisões, a Papa Francisco está continuamente sinalizando com gestos, atitudes e palavras o teor das mudanças que precisam ser feitas e criando as condições para que as reformas aconteçam, na corresponsabilidade do Colégio Episcopal e de todo o Povo de Deus.

2. PERFIL DA IGREJA QUE FRANCISCO IMPLEMENTA DESDE A PRIMEIRA-HORA

Para caracterizar o perfil da Igreja que o Papa Francisco implementa desde a primeira-hora de seu pontificado, vamos nos ater às suas proposições recorrentes, repetidas em diversas ocasiões e lugares distintos, sobretudo em sua visita ao Brasil por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, assim como em uma entrevista a A. Spadaro para a Revista *Civiltà Católica*, em setembro de 2013. Expressões textuais aparecem entre aspas. De sua rica interlocução com públicos diversos, emergem com bastante nitidez pelo menos oito traços do perfil da Igreja que o Papa Francisco sonha. Eles se remetem, fundamentalmente, à eclesiologia do Vaticano II e de sua “recepção criativa” plasmada na tradição eclesial latino-americana a partir de Medellín⁴.

De uma Igreja auto-referencial a uma Igreja em saída às periferias

Igreja auto-referencial, centrada sobre si mesma, é a Igreja que tem raízes no período de Cristandade. Ela vem da Idade Média e ainda se faz presente em muitos lugares, até hoje. Em lugar de “servidora”, trata-se de uma Igreja “absorvedora” do Reino de Deus. Em lugar de “meio” da salvação de Jesus Cristo, se torna um “fim” –

⁴ Uma abordagem mais completa destas características se pode encontrar em: BRIGHENTI, A. “Perfil pastoral da Igreja que o Papa Francisco sonha”. In: José Maria da Silva. (Org.). *Papa Francisco. Perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 19-40.

“fora da Igreja não há salvação”. Em lugar de transparecer Deus através da instituição, toma o lugar Dele, idolatrando a si mesma. Perde a consciência de uma Igreja também pecadora e se crê unicamente santa, regida por princípios ideais e integrada por fiéis que se enquadram nos inúmeros requisitos pré-estabelecidos pelas leis canônicas.

Como diz o Papa Francisco, para uma Igreja “auto-referencial”, sobram e se toma distância dos fiéis irregulares, em situações que ferem códigos legais; dos que estão nas “periferias do pecado”, considerados perdidos; dos que estão “nas periferias da ignorância e da prescindência religiosa”, excluídos como interlocutores, dignos de serem levados a sério; dos que estão “nas periferias do pensamento”, desafio aos nossos sistemas teológicos de contornos nítidos e nossas certezas; enfim, dos que estão “nas periferias da injustiça, da dor, de toda miséria”, clamando pelo regaço de uma mãe e não pelo julgamento de um juiz.

Aparecida fala da necessidade de “passar de um eterno esperar, a um constante buscar”. Para o Papa Francisco, “a posição do discípulo missionário não é uma posição de centro, mas de periferias”⁵. Ainda como Bispo em Buenos Aires, o Cardeal Bergoglio criticava “as pastorais distantes”, pastorais disciplinares que privilegiam os princípios, as condutas, os procedimentos organizacionais, sem proximidade, sem ternura, nem carinho. Ignora-se, dizia ele, a “revolução da ternura”, que provocou a encarnação do Verbo. Jesus não veio para os sãos, mas especialmente para os doentes, os excluídos das instituições rígidas, para resgatar o que estava perdido, para redimir e não para julgar e condenar.

Em sintonia com o Vaticano II, *Aparecida* desafia a Igreja ser “companheira de caminho” de toda a humanidade, especialmente dos pobres e dos que sofrem. No discurso aos bispos do CELAM, por ocasião de sua visita ao Brasil, o Papa Francisco fala da necessidade

⁵ Os pronunciamentos do Papa Francisco no Brasil, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, estão recolhidos em livro publicado pelas Paulinas: PAPA FRANCISCO. *Palavras do Papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2013, aqui p. 143.



“de uma Igreja que não tenha medo de entrar na noite deles e seja capaz de encontrá-los no caminho que estão percorrendo”, tal como Jesus com os Discípulos de Emaús. E continua: “precisamos de uma Igreja capaz de inserir-se na conversa deles; de uma Igreja que saiba dialogar com aqueles discípulos, que, fugindo de Jerusalém, vagam sem meta, sozinhos, com o seu próprio desencanto, com a desilusão de um cristianismo considerado hoje um terreno estéril, infecundo, incapaz de gerar sentido. (...) Hoje, precisamos de uma Igreja capaz de fazer companhia, de ir para além da simples escuta”⁶.

Nesta perspectiva, fala Aparecida do escândalo de uma Igreja “à margem do sofrimento da humanidade”, inclusive de seus próprios membros. Segundo os bispos latino-americanos, “grande parte dos católicos nasce, vive e morre, sem a presença da Igreja”. Diferente da atitude de Jesus, diante dos desiludidos discípulos de Emaús. Urge passar do centro para as periferias.

De uma Igreja alfândega a uma Igreja samaritana

De Francisco de Assis, Francisco de Roma assume, entre outros traços evangélicos, a “revolução da ternura”. Frisa ele: “precisamos todos aprender a abraçar, como fez São Francisco”⁷. Em entrevista à Revista *Civiltá Católica*, advoga por uma “Igreja samaritana”, na perspectiva de Paulo VI: “vejo com clareza que aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha. É inútil perguntar a um ferido grave se tem níveis altos colesterol ou de açúcar no sangue. Primeiro curar as suas feridas, depois podemos falar de tudo o resto. Curar as feridas, curar as feridas... É necessário começar de baixo”⁸.

No pronunciamento aos bispos do CELAM, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude no Brasil, na perspectiva de João XXIII,

⁶ PAPA FRANCISCO. *Palavras do Papa Francisco no Brasil...*, p. 144-145.

⁷ PAPA FRANCISCO. *Palavras do Papa Francisco no Brasil...*, p. 30.

⁸ SPADARO, A. Entrevista ao Papa Francisco. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html. Acesso em 27 de fevereiro de 2023.

o Papa Francisco fala da necessidade de uma Igreja-mãe, condição para uma Igreja-mestra. Do contrário, em lugar de uma “Igreja samaritana”, teremos uma “Igreja alfândega”, preocupada antes pelas normas a aplicar do que pelas pessoas a acolher. A vocação e missão da Igreja começam, segundo o Papa, “pelo exercício da maternidade da Igreja, que se dá pelo exercício da misericórdia”⁹. Uma Igreja, antes de tudo mãe, foi colocado em relevo por João XXIII, em sua primeira encíclica social *Mater et Magistra*.

Diz o Papa, só a misericórdia “gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão... Por isso, faz falta uma Igreja capaz de redescobrir as entranhas maternas da misericórdia. Sem a misericórdia, temos hoje poucas possibilidades de nos inserir em um mundo de ‘feridos’, que têm necessidade de compreensão, de perdão, de amor”. E complementa: “Num hospital de campanha a emergência é curar as feridas”.

A Igreja descentrar-se de si mesma não significa, necessariamente, sair correndo em direção aos outros. Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco afirma que sair de si mesma significa, antes de tudo, “uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção dos outros para chegar às periferias humanas não significa correr para o mundo, sem rumo e sem sentido. Muitas vezes, implica antes deter os passos, deixar de lado a ansiedade para olhar nos olhos e escutar ou renunciar as urgências para acompanhar quem ficou à beira da estrada. Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que fica com as portas abertas para que, quando ele regresse, possa entrar sem dificuldade” (EG 46).

De uma Igreja prestígio e poder a uma Igreja pobre e dos pobres

Na inauguração de seu pontificado, inspirado em João XXIII e alicerçado no testemunho dos mártires das causas sociais da Igreja na América Latina, o Papa Francisco expressou seu sonho

⁹ PAPA FRANCISCO. *Palavras do Papa Francisco no Brasil...*, p. 144.



incômodo: “como eu gostaria de uma Igreja pobre e para os pobres!”. E começou por ele mesmo: pagando suas contas no dia seguinte à sua eleição, simplificando seus trajes, trocando o trono por uma cadeira, conservando sua cruz peitoral e seus sapatos pretos, utilizando carro modesto...

É a expressão da acolhida da famosa admoestação de São Bernardo ao seu confrade cisterciense, eleito papa Eugênio III: “não te esqueça que és o sucessor de um pescador e não do imperador Constantino”. Em entrevista a um jornalista italiano, o Papa Francisco disse que “os chefes da Igreja, geralmente, têm sido narcisistas, adulados e exaltados pelos seus cortesãos. A corte é a lepra do papado”. No Brasil, o Papa Francisco tem repetido em diversas ocasiões: “a Igreja deve sempre lembrar, que não pode afastar-se da simplicidade”¹⁰. Prestígio e poder são classificados por ele como “mundanidade”, pois afasta a Igreja da proposta evangélica do Reino de Deus, inaugurado e mostrado por Jesus de Nazaré¹¹.

Na *Evangelii Gaudium*, o novo Papa afirma que “esta escura mudanidade se manifesta em muitas atitudes aparentemente opostas, mas com a mesma pretensão de ‘dominar o espaço da Igreja’. Em alguns, há um cuidado ostentoso da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, mas sem preocupá-los que o Evangelho tenha uma real inserção no Povo de Deus e nas necessidades concretas da história. Assim, a vida da Igreja se converte em peça de museu ou em uma posse de poucos” (EG 95).

Coerente com o espírito da “opção pelos pobres”, o Papa Francisco faz dos pobres uma questão primeira e central na vida da Igreja e de seu pontificado. Por isso, sua preocupação primeira não é sua autoridade ou imagem pública, nem a doutrina ou discursos bem arquitetados, mas o sofrimento e causa dos pobres no mundo, que são a causa de Deus. Em outras palavras, a prioridade não é a religião, mas a vida minguada e ameaçada de dois terços da

¹⁰ PAPA FRANCISCO. *Palavras do Papa Francisco no Brasil...*, p. 91.

¹¹ PAPA FRANCISCO. *Palavras do Papa Francisco no Brasil...*, p. 140.

humanidade. Nisto está a essência do Evangelho, que recolhe o modo de relação de Jesus com o sofrimento dos doentes, dos pobres, dos desprezados, sejam eles pecadores ou publicanos, crianças silenciadas ou mulheres desprezadas.

Uma Igreja pobre e para os pobres, em vista de uma Igreja dos pobres “reais”. Há, hoje, a tentação de espiritualizar a pobreza e virtualizar os pobres. Disse o Papa Francisco numa obra social em Roma e repetiu no Brasil: “você, os pobres, são a carne de Cristo”. Eles prolongam a paixão de Cristo, na paixão do mundo. Por isso, “é nas favelas, nas vilas miséria, onde se deve ir buscar e servir a Cristo”¹².

Na *Evangelii Gaudium*, diante de tantas espiritualidades alienantes, o Papa Francisco clama por um cristianismo encarnado: “mais do que o ateísmo, hoje se coloca o desafio de responder adequadamente à sede de Deus de muita gente, para que não busquem apagá-la com propostas alienantes ou em um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro. Se não encontram na Igreja uma espiritualidade que os sane, liberte, os encha de vida e de paz, ao mesmo tempo em que os convoque à comunhão solidária e à fecundidade missionária, acabarão enganados por propostas que não humanizam, nem dão glória a Deus” (EG 89).

De uma Igreja silenciosa e omissa a uma Igreja profética

Na melhor tradição franciscana, o Papa Francisco frisa que “o cristianismo combina transcendência e encarnação”. São os dois braços da cruz, que caracteriza os cristãos, acenando para a verticalidade e a horizontalidade da fé cristã. É a unidade entre “Pai nosso, que estás no céu” e “Pão nosso, de cada dia”. Por isso, disse aos jovens, no Rio de Janeiro: “ninguém pode permanecer insensível às desigualdades que ainda existem no mundo”. É preciso tomar posição, ir à ação: “quero que a Igreja saia às ruas, defendendo-se de tudo o que seja mundanismo, instalação, comodidade, clericalismo,

¹² PAPA FRANCISCO. *Palavras do Papa Francisco no Brasil...*, p. 71.



estar fechada em si mesma”. Nem é preciso perguntar-se muito sobre o que fazer: “com as Bem-aventuranças e Mateus 25, se têm um programa de ação”¹³.

O grande desafio para nós, os cristãos, consequentes com o Evangelho da vida é “não deixar entrar em nosso coração a cultura do descartável. Ninguém é descartável!”. Por isso, “tenham a coragem de ir contra a corrente dessa cultura eficientista, dessa cultura do descarte”. Em nossa sociedade, hoje, “a exclusão dos jovens e dos idosos é uma eutanásia oculta”. Isso não se resolve com ações paternalistas, o que equivale fazer do pobre um objeto de caridade. Como diz *Aparecida*, o assistencialismo humilha o pobre. É preciso ir às causas da exclusão, que se remetem ao modelo econômico, social, político, cultural.

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco frisa que “ninguém pode nos exigir que releguemos a religião à intimidade secreta das pessoas, sem influência alguma na vida social e nacional, sem nos preocuparmos com a saúde das instituições da sociedade civil, sem opinar sobre os acontecimentos que afetam os cidadãos”. E continua: “assim como o mandamento de ‘não matar’ põe limite claro para assegurar o valor da vida humana, hoje temos que dizer ‘não a uma economia da exclusão e da falta de equidade’. Esta economia mata. É inadmissível que não seja notícia que morra de frio um idoso morador de rua e que seja a queda de dois pontos na bolsa”.

Constata o novo Papa em *Evangelii Gaudium* que, hoje, clama-se por segurança, “porém, enquanto não se elimine a exclusão e a falta de equidade no seio de uma sociedade e entre os povos, será impossível erradicar a violência. Acusa-se da violência os pobres e os povos pobres, mas, sem igualdade de oportunidades, as diversas formas de agressão e de guerra encontrarão terreno fértil, que cedo ou tarde, provocará sua explosão. Quando a sociedade – local, nacional, mundial – abandona na periferia uma

¹³ PAPA FRANCISCO. *Palavras do Papa Francisco no Brasil...*, p. 44.

parte de si mesma, não haverá programas políticos nem aparato policial ou de inteligência que possam assegurar indefinidamente a tranquilidade” (EG 53).

Chama atenção o Papa Francisco nesta Exortação Apostólica, que “isto ocorre não somente porque a falta de equidade provoca a reação violenta dos excluídos do sistema, mas porque o sistema social e econômico é injusto em sua raiz”. Para fraseando João Paulo II que afirmou a vigência de uma sociedade que gera “ricos cada vez mais ricos, à custa de pobres cada vez mais pobres”, chama atenção o Papa que “enquanto os ganhos de uns poucos crescem desmesuradamente, os ganhos da maioria ficam cada vez mais distantes do bem estar desta minoria feliz. Este desequilíbrio provém de ideologias que defendem a autonomia absoluta dos mercados e a especulação financeira”.

Aqui está um complexo campo de ação dos cristãos, mas que é tarefa de todos. Não há outra saída, “o futuro exige hoje a tarefa de reabilitar a política, que é uma das formas mais altas da caridade”¹⁴, disse o Papa aos jovens no Rio de Janeiro.

De uma Igreja fechada na sacristia a uma Igreja acidentada por sair às ruas

Em mais de uma oportunidade, também em sua visita ao Brasil, o Papa Francisco desafia a Igreja sair de si mesma, do centro, e ir para as ruas, às fronteiras. Seu pensamento recorrente e insistente frisa que “uma Igreja que não sai de si mesma, cedo ou tarde adocece, em meio à atmosfera pesada do seu próprio fechamento. Também é verdade que uma Igreja que sai às ruas pode sofrer o que qualquer pessoa na rua pode sofrer: um acidente. Diante desta alternativa, quero-lhes dizer francamente que prefiro mil vezes uma Igreja acidentada a uma Igreja doente. A doença típica da Igreja fechada é ser auto-referencial: olhar para si mesma, ficar encurvada sobre si mesma, como aquela mulher do Evangelho. É

¹⁴ PAPA FRANCISCO. *Palavras do Papa Francisco no Brasil...*, p. 74.



uma espécie de narcisismo que nos leva à mundanidade espiritual e ao clericalismo sofisticado, e, depois, nos impede de experimentar “a doce e reconfortante alegria de evangelizar”.

Com Aparecida, o Papa Francisco frisa na *Evangelii Gaudium* que a missionariedade da Igreja exige uma reforma de suas estruturas, dentro de um processo de conversão pastoral: “fazer com que todas as estruturas da Igreja se tornem mais missionárias; que a pastoral ordinária, em todas suas instâncias, seja mais expansiva e aberta; que coloque os agentes de pastoral em constante atitude de saída e favoreça, assim, a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus convoca à sua amizade”.

Na perspectiva de Aparecida, nesta Exortação Apostólica, o Papa defende “toda uma dinâmica de reforma das estruturas eclesiais” que se tornaram obsoletas, a partir de um critério específico: a missão e não a sofisticação administrativa... A “mudança das estruturas” (das caducas para as novas) não é “fruto de um estudo de organização do sistema funcional eclesiástico. (...) O que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar os corações dos cristãos é justamente a missionariedade” (EG 27). E conclui: “se a Igreja inteira assume este dinamismo missionário, deve chegar a todos, sem exceções. Porém, a quem privilegiar? Quando lemos o Evangelho, nos encontramos com uma orientação contundente: não tanto aos amigos e vizinhos, mas, sobretudo, aos pobres e enfermos, aos costumeiramente desprezados e esquecidos, àqueles que ‘não têm com que recompensar-te’ (Lc 14,14)” (EG 48).

Em entrevista à Revista *Civiltá Católica*, o Papa Francisco exorta ficar atentos, para não cair na “tentação de domesticar as fronteiras: deve-se ir em direção às fronteiras e não trazer as fronteiras para casa, a fim de envernizá-las um pouco e domesticá-las”¹⁵. É o respeito à alteridade, a acolhida do diferente, estar disposto a deixar-se surpreender e aprender com as diferenças, dado que na evangelização não temos destinatários, mas

¹⁵ SPADARO. A. Entrevista ao Papa Francisco, <https://www.vatican.va>, setembro de 2013.

interlocutores. Em lugar de uma missão entendida como a busca de convertidos submissos e ignorantes, um processo de evangelização pautado pelo testemunho e o diálogo, condição para o anúncio do kerigma, que leva sempre à vivência da fé cristã numa comunidade de irmãos, inserida no seio de uma sociedade pluralista.

Nesta perspectiva, apresenta-se a tarefa do ecumenismo e do diálogo inter-religioso. A verdadeira Igreja de Jesus é una, mas está dividida, o que é um escândalo, diante da missão de promover a unidade de todo o gênero humano. Por sua vez, como disse o Vaticano II, as religiões são depositárias de raios da mesma luz, que brilhou em plenitude, em Jesus. O cristianismo tem a plenitude da revelação, mas isso não significa ter a exclusividade e nem tê-la entendido tudo. No diálogo com as religiões, nós os cristãos podemos testemunhar e acenar para esta plenitude e também aprender do que já temos, mas que ainda não descobrimos.

De uma Igreja centralizadora a uma “Igreja de Igrejas Locais”

O Papa Francisco, desde a primeira hora de seu pontificado, se auto-denominou “Bispo de Roma”. De fato, é o título que melhor expressa sua função de presidir a unidade de uma “Igreja de Igrejas Locais”. Ele está empenhado em uma descentralização da Igreja em relação à Cúria Romana, a uma maior valorização das Conferências Episcopais e das Dioceses, de acordo com a renovação do Concílio Vaticano II. Tal como se concebia antes do Concílio Vaticano II e costumeiramente muitos ainda pensam hoje, não há uma suposta “Igreja Universal”, exterior e anterior às Igrejas Locais, que faria do Papa o bispo dos bispos. Isso porque a Diocese não é simples “parte” da Igreja Universal. Para a *Lumen Gentium*, cada Diocese é “porção” do Povo de Deus. A porção contém o todo, a parte não. Na apostolicidade da Igreja, em cada Igreja Local está a “Igreja toda”, ainda que não seja “toda a Igreja”.

Em outras palavras, por um lado, tudo o que a Igreja dispõe como meio de salvação está presente em cada Diocese e, por outro, como a Igreja é “una” e “apostólica”, cada Diocese só é Igreja na medida em que estiver unida à demais Dioceses. Por sua vez, o Papa,



enquanto bispo de Roma, faz parte do Colégio dos Bispos e, por presidir a Igreja de Pedro e Paulo, tem também a função de presidir a unidade das Igrejas, mas como um *primus inter pares*, dado que todos os bispos são sucessores dos apóstolos. Esta sucessão vem pela ordenação episcopal e não por delegação do Papa.

Por isso, diz o Papa Francisco em *Evangelii Gaudium*: “não creio que se deva esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou completa a respeito de todas as questões que afetam a Igreja e o mundo. Não é conveniente que o Papa substitua os episcopados locais no discernimento de todas as problemáticas que se apresentam em seus territórios. Neste sentido, percebo a necessidade de avançar em uma saudável descentralização” (EG 16).

No Brasil, aos Bispos do CELAM, o Papa disse que “a Igreja, quando se erige em centro, deixa de ser Esposa, para acabar sendo Administradora. Aparecida quer uma Igreja Esposa, Mãe, Servidora, facilitadora e não controladora da fé”. Nesta perspectiva, o Papa fala das Conferências Episcopais como “um espaço vital”. Por isso, “faz falta uma progressiva valorização do elemento local e regional. Não é suficiente a burocracia central, mas é preciso fazer crescer a colegialidade e a solidariedade; será uma verdadeira riqueza para todos”. Todos nós sabemos do importante papel exercido pela CNBB, mas nem sempre compreendido e apoiado pela Cúria Romana. Assim como da riqueza das Conferências Gerais do Episcopado da América Latina em Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida, mas sempre com a censura de Dicastérios romanos.

A descentralização da Igreja se remete, sobretudo, à Cúria Romana, justamente por onde o Papa Francisco começou. Em entrevista à Revista *Civiltá Católica*, ele expressa: “os Dicastérios romanos estão a serviço do Papa e dos bispos: devem ajudar tanto as Igrejas particulares como as Conferências Episcopais. São mecanismos de ajuda. Nalguns casos, quando não são bem entendidos, correm o risco, pelo contrário, de se tornarem organismos de censura. É impressionante ver as denúncias de falta de ortodoxia que chegam a Roma. Creio que os casos devem ser estudados pelas Conferências Episcopais locais, às quais pode

chegar uma válida ajuda de Roma. De fato, os casos tratam-se melhor no local. Os Dicastérios romanos são mediadores, não intermediários, nem gestores”¹⁶.

De uma Igreja clerical a uma Igreja sinodal

O clericalismo na Igreja é outro tema recorrente nos pronunciamentos do Papa Francisco. Em entrevista a um jornalista italiano, afirma que “o clericalismo não tem nada a ver com cristianismo. Quando tenho na minha frente um clericalista, instintivamente me transforma num anticlerical”. Adverte que “na maioria dos casos, o clericalismo é uma tentação muito atual; trata-se de uma cumplicidade viciosa: o padre clericaliza o leigo e, o leigo, lhe pede o favor de o clericalizar, porque, no fundo, lhe é mais cômodo”. Para o Papa, “o fenômeno se explica, em grande parte, pela falta de maturidade e de liberdade cristã em parte do laicato”. Entretanto, o clericalismo na Igreja se deve também ao centralismo e ao autoritarismo de ministros ordenados, tributários da eclesiologia pré-conciliar. O clero é o polo ativo da Igreja, a quem cabe toda iniciativa e todo o poder. Os leigos são o polo passivo, a quem cabe obedecer docilmente ao clero. Em lugar de fazer o ministério da síntese, o padre é a síntese de todos os ministérios.

No Brasil, falando aos Bispos do CELAM, o novo Papa pergunta: “nós, Pastores, Bispos e Presbíteros, temos consciência e convicção da missão dos fiéis leigos e lhes damos a liberdade para irem discernindo, de acordo com o seu caminho de discípulos, a missão que o Senhor lhes confia? Apoiamo-los e acompanhamos, superando qualquer tentação de manipulação ou indevida submissão? Estamos sempre abertos para nos deixarmos interpelar pela busca do bem da Igreja e pela sua missão no mundo?”. E pediu aos bispos confiar no “talento” de seu rebanho “para encontrar novos caminhos”.

Como real espaço do exercício da corresponsabilidade de todos os batizados na Igreja, o Papa recorda aos Bispos a importância

¹⁶ SPADARO, A. Entrevista ao Papa Francisco, <https://www.vatican.va>, setembro de 2013.



dos conselhos: “os Conselhos paroquiais de Pastoral e de Assuntos Econômicos são espaços reais para a participação laical na consulta, organização e planejamento pastoral? O bom funcionamento dos Conselhos é determinante. Acho que estamos muito atrasados nisso”¹⁷. Uma diocese, paróquia ou comunidade eclesial sem conselhos e assembleias, funcionando participativamente, é uma Igreja gerida de modo autoritário e clericalista.

Uma comunidade eclesial como sujeito da missão evangelizadora, só é possível em uma Igreja toda ela ministerial. Os carismas, que cada um recebeu do Espírito, são para o serviço na Igreja e na sociedade, através do exercício de um ministério, ordenado ou não ordenado. Escolas de Ministérios são um meio importante meio para o recrutamento e formação do laicato nos diversos ministérios, apoiados nos carismas recebidos para o serviço. Na superação do clericalismo, em vista de uma Igreja toda ela ministerial, o Papa alude ao lugar e papel das mulheres. Falando ainda aos Bispos do CELAM, no Rio de Janeiro, adverte: “não reduzamos o empenho das mulheres na Igreja; antes, pelo contrário, promovamos o seu papel ativo na comunidade eclesial. Se a Igreja perde as mulheres, na sua dimensão global e real, ela corre o risco da esterilidade”¹⁸.

Na Exortação *Evangelii Gaudium*, diz que reconhece “com alegria, como muitas mulheres partilham responsabilidades pastorais com os presbíteros, contribuem para acompanhamento de pessoas, de famílias e grupos, assim como enriquecem a reflexão teológica. Entretanto, é necessário ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja” (EG 103). Superar o clericalismo, em relação às mulheres, equivale à Igreja se despatriarcalizar, de modo que homens e mulheres na Igreja sejam, de fato, atores paritários, numa efetiva corresponsabilidade de todos os batizados.

¹⁷ PAPA FRANCISCO. *Palavras do Papa Francisco no Brasil...*, p. 136.

¹⁸ PAPA FRANCISCO. *Palavras do Papa Francisco no Brasil...*, p. 137.

De uma Igreja com bispos-príncipes a uma Igreja de pastores com cheiro de ovelha

Outra questão recorrente do Papa Francisco, retomada em diversas ocasiões, é o perfil de Bispo, em sua grande maioria na Igreja hoje, distante do estilo de episcopado, selado no “pacto das catacumbas” por um grupo de Bispos no encerramento do Concílio Vaticano II. O clericalismo dos presbíteros parece agravado no modelo predominante de Bispo, nas últimas décadas.

Ao ordenar novos Bispos em Roma, o Papa Francisco lhes faz três recomendações¹⁹. Primeiro, que “sejam pastores com cheiro de ovelhas, presentes no meio de sua gente como Jesus, o Bom Pastor. Sua presença não é secundária, é indispensável. As próprias pessoas pedem isso, desejam ver o seu bispo caminhar com elas, para estarem próximas dele. Não se fechem! Vão para o meio de seus fiéis, inclusive nas periferias de suas dioceses e em todas as ‘periferias existenciais’ onde há sofrimento, solidão, degradação humana. A presença pastoral significa caminhar com o povo de Deus: na frente, assinalando o caminho; no meio, para fortalecer a unidade; atrás, para que ninguém fique para trás, mas, sobretudo, para acompanhar o olfato que o povo de Deus possui para encontrar novos caminhos”. As mesmas recomendações valem para o padre: disponível, a tempo integral; amigo e frequentador das casas de família; acessível a quem a ele recorre, de preferência, pessoalmente; mais presente nas periferias do que na Igreja matriz ou na cada paroquial; sensível e acolhedor dos pobres e dos que sofrem; enfim, alguém que promove a unidade de todos, vai ao encontro dos desgarrados e aponta para o caminho a trilhar.

A segunda recomendação do Papa Francisco é que “os Bispos sejam Pastores, próximos das pessoas, pais e irmãos, com grande mansidão, pacientes e misericordiosos, capazes de escutar, compreender, ajudar e orientar. Homens que amem a pobreza, quer

¹⁹ Cf. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130919_convegno-nuovi-vescovi.html. Acesso em 27 de fevereiro de 2023.



a pobreza interior como liberdade diante do Senhor, quer a pobreza exterior como simplicidade e austeridade de vida. Homens que não tenham psicologia de príncipes”. Esta recomendação lembra o “pacto das catacumbas”, firmado por um grupo de bispos ao final do Concílio Vaticano II, liderado por Dom Hélder Câmara: não habitar em palácio, mas em casas populares; não apegar-se a títulos, mas identificar-se pelo nome de batismo; não acumular bens, mas viver na austeridade; não usar roupas que insinuem prestígio e poder, mas vestir-se com simplicidade, etc. O mesmo vale para os padres.

A terceira recomendação do Papa Francisco é que “o Bispo precisa ficar com o rebanho. Refiro-me à estabilidade, que tem dois aspectos específicos: “permanecer” na Diocese, e permanecer “nesta” Diocese, sem buscar transferências ou promoções. Os Bispos precisam ser homens que não sejam ambiciosos e que sejam esposos de uma Igreja, sem viver na expectativa de outra, melhor ou mais rica. Tenham o cuidado de não cair no espírito do carreirismo, que é um câncer na Igreja. Como pastores, não é possível realmente conhecer o próprio rebanho, caminhar na frente, no meio e atrás dele, cuidá-lo com o ensinamento, a administração dos sacramentos e o testemunho de vida, caso não permaneçamos na Diocese. Permaneçam junto ao rebanho; evitai o escândalo de ser bispo de aeroporto”.

O anel que o bispo carrega, na Igreja antiga, era símbolo da “união indissolúvel” do bispo com sua Diocese, escolhido pelo povo e consentido por ele. O carreirismo, entretanto, não é um mal de bispos. Padres também são sensíveis ao poder, não só aspirando às vezes a paróquias de maior prestígio, como a postos na Igreja, incluído o episcopado. O poder na Igreja não é *potestas*, oriundo da bacia de Pilatos, mas *exousía*, oriundo da bacia do Lava-pés.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja fechada em si mesma, no dizer de Francisco com H. de Lubac, uma Igreja auto-referencial, nos remete também ao apóstolo Pedro no Monte Tabor: “ façamos, aqui, três tendas...”. Dizem os Evangelhos que Pedro reagiu assim porque “não entendia nada,

pois estava tomado pelo medo” (Mc 9,6). Para Rafael Aguirre, aqui está um retrato da Igreja de todos os tempos e, particularmente, dos tempos atuais. O entusiasmo do Tabor, tão presente em certos segmentos e movimentos eclesiais, pode ser reação do medo de enfrentar os desafios e as dificuldades do caminho a Jerusalém²⁰.

Entretanto, o Pedro do Monte Tabor é também o Pedro convertido de Cesareia, a cidade portuária do Mediterrâneo, que a Bíblia denomina de “grande mar” (Ez 47,10). Pedro havia sido pescador no “pequeno mar” da Galileia, onde nunca se perde de vista suas margens. Mas, impulsionado pelo Espírito, para aquele mesmo Pedro que teve medo e afundava no “pequeno mar” da Galileia, agora era chegada a hora, de, juntamente com Paulo, atravessar “o grande mar” de limites desconhecidos. E, mesmo com sua escassa bagagem de pescador, decide afrontar o mundo da cultura helênica e o poder romano.

A Igreja, que sempre se reconheceu no Simão do Tabor, sobretudo nos dias atuais, está chamada a seguir os passos de Pedro que parte de Cesareia, na pessoa do Papa Francisco. Está desafiada a afrontar o grande mar aparentemente hostil, seja da conversão pastoral da Igreja, seja de um mundo pluralista e excludente de grande contingente da humanidade. Parecia que a renovação do Vaticano II era irreversível. Que a tradição eclesial libertadora da Igreja na América Latina tinha impresso uma marca indelével no rosto de nossa Igreja. Mas, voltaram os medos de avançar, posturas inquisidoras e defensivas frente aos valores da modernidade, que vão dos direitos humanos à liberdade religiosa. Voltou a nostalgia dos contornos nítidos e dos dogmatismos que proporcionava a cultura pré-moderna, que determinados segmentos eclesiais plasmaram em uma espécie “sub-cultura eclesiástica”, criando o próprio mundo à margem do mundo.

A exemplo do Pedro convertido de Cesareia, com o Papa Francisco, é preciso vencer o medo e continuar a viagem, atravessar

²⁰ Cf. AGUIRRE, R. Iglesia-mundo: marcha atrás? in *Sal Terrae* 6 (1992) 437-445.



o “grande mar” de um mundo em profundas mudanças, no qual está a Igreja, com humildade, capacidade de escuta, diálogo e discernimento comum. De nada valem nostalgias restauradoras ou a “volta à grande disciplina” (J. B. Libânio). Em se tratando da herança cristã, impõe-se salvaguardar a autenticidade originária, a experiência fundante. Entretanto, a fidelidade autêntica não se exerce desde o medo, mas desde a “a audácia de tecer do risco” (K. Rahner). A coragem de renovação é a única garantia de futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE, R. Iglesia-mundo: marcha atrás? in *Sal Terrae* 6 (1992) 437-445.

BRIGHENTI, A. *Os ventos sopram do Sul. O Papa Francisco e a nova conjuntura eclesial*. São Paulo: Paulinas, 2019.

DA SILVA, José María. (Org.). *Papa Francisco. Perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis: Vozes, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Palavras do Papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2013.

———. Discurso do Papa Francisco a um grupo de novos prelados participantes de um curso organizado pela Congregação para os Bispos e a Congregação para as igrejas orientais https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130919_convegno-nuovi-vescovi.html. Acesso em 27 de fevereiro de 2023.

PASSOS, J. D. – SOARES, A. M. L. (Org.). *Francisco. Renasce a esperança*. São Paulo: Edições Paulinas, 2013.

SPADARO, A. Entrevista ao Papa Francisco. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html. Acesso em 27 de fevereiro de 2023.